

FERNANDO PESSOA: A HQ NOTAS SOBRE O DESAFIO DE LEVAR POESIA AOS QUADRINHOS

Bruno Ricardo de Souto LEITE¹
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
brunoerre@gmail.com

RESUMO: Fernando Pessoa, como se sabe, de tão grande não coube num só. O presente artigo se debruça sobre a adaptação da obra do maior poeta português desde Camões, *Fernando Pessoa e outros pessoas* (GUAZZELLI; FAZZOLARI, 2011), tendo como foco essa forma tão original como ele edificou seu projeto literário: a concepção de heterônimos. A escolha se deve ao fato de essa adaptação ter elegido obras de Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Bernardo Soares – tendo deixado de fora Fernando Pessoa *ele mesmo*. Em seguida, passamos a comentar questões específicas do *Fernando Pessoa e outros pessoas*, onde defendemos que essa empreitada - por se atrever a “brincar” com os textos fontes, ampliando-os, em vez de se resignar a transpô-los de forma “fiel” a outra linguagem - se trata de uma “repetição sem replicação”. (HUTCHEON, 2013).

PALAVRAS-CHAVES: Fernando Pessoa. Heterônimos. Poesia. Quadrinhos. Adaptação.

FERNANDO PESSOA: THE COMIC STRIP NOTES ABOUT THE CHALLENGE TO ADAPT POETRY TO THE COMICS

ABSTRACT: Fernando Pessoa, being such a grand poet as he is widely known, could never fit into one single man. This article addresses the adaptation of the work of the greatest Portuguese poet since Camões, ‘Fernando Pessoa e outros pessoas’ (GUAZZELLI; FAZZOLARI, 2011), focusing particularly on the original way he built his literary project: the conception of heteronyms. Such work was chosen because it elected the works of Álvaro de Campos, Ricardo Reis and Bernardo Soares – leaving Fernando Pessoa himself out. Next, we comment specific issues on ‘Fernando Pessoa e outros pessoas’, in which we claim that this endeavor – for it ‘plays’ with the source texts instead of simply transcribe them into another language or form of expression – is indeed a ‘repetition without replication’ (HUTCHEON, 2013).

KEYWORDS: Fernando Pessoa; Heteronyms; Poetry; Graphic Novels; Adaptation.

Em 1935, mesmo ano de sua morte, Fernando Pessoa escreve uma carta ao amigo Adolfo Casais Monteiro. Poeta e crítico, Casais Monteiro havia escrito a Pessoa, lhe fazendo três perguntas. A mais significativa delas, sobre como teria se dado o surgimento de cada heterônimo. A resposta veio. Longa, detalhada e exata. Tão exata que despertou dúvidas (inclusive no próprio destinatário) sobre se o poeta estava sendo

¹ Mestre em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba e servidor técnico-administrativo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

fiel aos fatos ou fantasiara, num arroubo de vaidade literária. Segundo o famoso documento, teria sido em um único dia que, não só “*nasceram*” os heterônimos Alberto Caieiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, como foi produzida a maior parte de suas obras. Ainda sobrou tempo para Fernando Pessoa, ortônimo, escrever os seis poemas que compõem “Chuva oblíqua”!...

Pessoa, além de tudo, era um encenador. Concebeu uma biografia para cada heterônimo, no intuito de (re)afirmar a “independência” deles.

Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 01:30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inatividade. Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. Álvaro de Campos é alto (1,75 de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos - o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; Reis de um vago moreno mate; Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma - só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia-avó. Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o Opiário. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre².

Em outro momento, o poeta fala especificamente sobre a “*atuação*” de cada heterônimo:

Como escrevo em nome desses três? [...] Caeiro, por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular o que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que

² Carta na íntegra disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/3007>. Acesso em 01 fev. 2017.

subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê.

Também aborda o estilo deles, sempre tendo em vista a coerência entre a “vida” de cada heterônimo e sua produção poética: “Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos como dizer ‘eu próprio’ em vez de ‘eu mesmo’, etc., Reis melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado.”

Bernardo Soares é, nas palavras do próprio poeta, um semi-heterônimo, “porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade.” Alexandre Montauray observa bem que “Bernardo Soares, portanto, não é Pessoa por adição de elementos, como sucede a Álvaro de Campos e aos outros, mas por subtração.” (MONTAURY, 2002). Para se ter uma ideia, sobre as “subpersonalidades” (como Pessoa chega a se referir a Caeiro e companhia), ele confessa: “pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida”.

Soares é o protagonista do *Livro do desassossego*, uma espécie de diário (“autobiografia sem fatos”, conforme define o narrador) com forte teor filosófico. Extremamente fragmentado, o livro reúne apenas uma pequena parte entre centenas de notas produzidas entre os anos 1910 e 1930. O *Livro do desassossego* foi publicado somente em 1982, 47 anos após a morte de Fernando Pessoa – o que torna problemática a tarefa daquele que desejar definir quem seria o seu autor: Fernando Pessoa ou quem o editou...

Além de excertos de *O Livro do desassossego*, a adaptação *Fernando Pessoa e outros pessoas*, como abordaremos mais à frente, apresenta a produção em poesia dos heterônimos Alberto Caeiro e Álvaro de Campos.

Caieiro é cético. Rejeita o mistério e a metafísica. Exalta a sensibilidade e a simplicidade.

Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum [...]

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos:
As coisas não têm significação: têm existência.
As coisas são o único sentido oculto das coisas.³

No entanto, Massaud Moisés alerta que, por trás da aparente simplicidade, há latente uma reflexão refinada:

(Caieiro) prega um naturalismo absoluto em que os verbos “ver” e “ouvir” ocupam lugar proeminente, e dos quais fica dissociado o “pensar”, ou seja, abolir o “pensar” para apenas ver e ouvir. Valorização duma concepção ingênua e realista das coisas, nem por isso deixa de ser altamente intelectualizada e pensada: o poeta pensa o seu propósito de não pensar, ou antes, de limitar-se a ver e ouvir. Expressão de fuga para a simplicidade da Natureza. (MOISÉS, 2006, p. 452).

Não obstante ser um pastor semialfabetizado, Caieiro vai ser o mestre do engenheiro Álvaro de Campos. Este também desdenha da metafísica, mas vai além do mestre: Caieiro acredita que a verdade é a Natureza, Campos não acredita em coisa alguma. Os versos finais de um de seus mais famosos poemas, “Tabacaria”, não nos deixam mentir:

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.
O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
Ah, conheço-o; é o Esteves sem metafísica.
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus, gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o
Dono da Tabacaria sorriu.⁴

Álvaro de Campos é o mais verborrágico dos heterônimos; o mais, por assim dizer, inserido no seu tempo. Desconfia da objetividade, ataca a superficialidade, a

³ Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/3452> . Acesso em 03 Ago. 2016.

⁴ Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/163>. Acesso 03 Ago. 2016.

mecanização e a desumanização do mundo industrializado. Seus versos são contundentes, alguns terminam em exclamações. Pedem que sejam lidos num tom de voz alto e com o indicador mais alto ainda (“E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a *Ode Triunfal* de Álvaro de Campos”, afirma Pessoa na carta a Casais Monteiro).

Entretanto, no dizer de Massaud Moisés, “a sua indignação abrandava-se diante do ‘céu azul - o mesmo da minha infância /Eterna verdade vazia e perfeita!’” (MOISÉS, 2006 p. 453).

Fernando Pessoa em quadrinhos

Segundo Linda Hutcheon, adaptação é repetição sem replicação. Assim, o novo produto deve oferecer contribuições que superem o “*original*” para se constituir como releitura de fato. “Talvez devêssemos pensar o fracasso de certas adaptações não em termos de fidelidade a um texto anterior, mas de falta de criatividade e habilidade para tornar o texto adaptado algo que pertence ao seu adaptador e que é, portanto, autônomo” (HUTCHEON, 2013, p.45).

Fernando Pessoa e outros pessoas, de Eloar Guazzelli (arte) e Davi Fazzolari (roteiro), anuncia sua liberdade criadora em cada página. Os títulos das obras são mudados. A versificação é alterada. A escolha do *corpus*? Quem poderia chamar de óbvias a opção pelo “Livro do desassossego” e a exclusão de Ricardo Reis e Fernando Pessoa *ele mesmo*?

A obra é dividida em sete partes, que configuram histórias em quadrinhos – que também são chamadas, aqui, ora de HQs, ora de “quadrinho” simplesmente - independentes. Cinco delas são adaptações de Álvaro de Campos, uma de Bernardo Soares e uma de Alberto Caieiro.

De Campos, constam quatro “interlúdios lisboetas”, mais o “Tabacaria fora de mim”. Esta é uma óbvia referência ao célebre “Tabacaria”, ao passo que os quatro “interlúdios” possuem a seguinte correspondência:

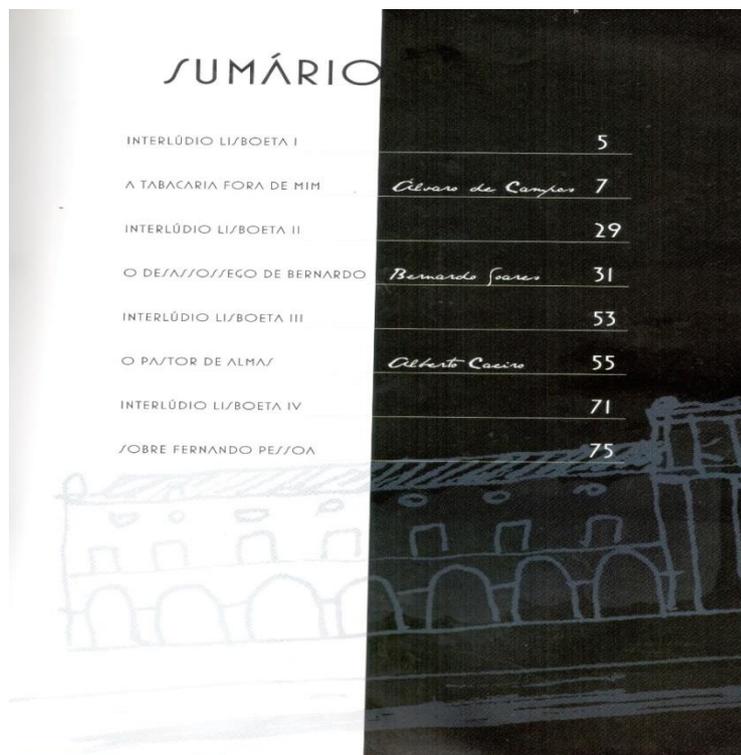
Interlúdio lisboeta I = primeira estrofe de “Lisboa com suas casas”

Interlúdio lisboeta II = penúltima estrofe de “Lisbon revisited” (1923)

Interlúdio lisboeta III = antepenúltima estrofe de “Lisbon revisited” (1926)

Interlúdio lisboeta IV = “No ocaso, sobre Lisboa, no tédio dos dias que passam”

“Interlúdio” é o nome que se dá ao “pequeno trecho de música instrumental destinado a preencher o espaço entre dois atos ou partes de uma grande composição” (*Dicionário da Língua Portuguesa* – Porto Editora). Dessa forma, os títulos são bastante adequados, uma vez que os “interlúdios lisboetas” estão dispostos no quadrinho de forma a intercalar as outras partes da obra.



SUMÁRIO	
INTERLÚDIO LI/BOETA I	5
A TABACARIA FORA DE MIM	<i>Álvaro de Campos</i> 7
INTERLÚDIO LI/BOETA II	29
O DE/NI/OSS/EGO DE BERNARDO	<i>Bernardo Soares</i> 31
INTERLÚDIO LI/BOETA III	53
O PA/TOR DE ALMA/	<i>Alberto Casiro</i> 55
INTERLÚDIO LI/BOETA IV	71
SOBRE FERNANDO PESSOA	75

Figura 1: Sumário. Observe a predominância do heterônimo Álvaro de Campos, marcando presença com “A tabacaria fora de mim” e os “interlúdios lisboetas”

“O pastor de almas” consiste em uma compilação (editada) de poemas de Alberto Caieiro – série à qual foi dado o título de “O guardador de rebanhos”. De forma similar, “O desassossego de Bernardo” é uma colcha tecida com retalhos do *Livro do desassossego*, atribuído ao semi-heterônimo Bernardo Soares.

De acordo com Patrícia Pirola,

Na passagem de uma linguagem para a outra, ou de um suporte para o outro, a estrutura narrativa é modificada, transformada e recriada. É necessário que se analise quais são essas transformações, quais as características que interferem no produto final, e em que medida a forma, e as mediações técnicas e gráficas podem interferir no conteúdo. (PIROLA, 2014, p. 87)

Assim, há no quadrinho um diálogo, representado por balões - recurso narrativo típico dessa mídia - entre Fernando Pessoa e Bernardo Soares (Fig. 2), ao passo que, no *Livro do desassossego*, o encontro entre o poeta e Bernardo Soares é apenas lembrado, de forma indireta (Fig. 3)⁵. Ou seja, a HQ confere *ação* ao evento que no original é apenas lembrado pelo narrador. Um exemplo bastante ilustrativo (sem trocadilho...) da contribuição que a HQ pode conferir a um texto original em prosa.



Figura 2: Diálogo entre Pessoa e Bernardo Soares na adaptação (discurso direto)

⁵ Consultamos uma edição digitalizada da Editora Brasiliense do *Livro do desassossego*, disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000008.pdf>. Acesso em 04 Ago. 2016.

e meia, entramos em uma conversa casual. A certa altura ele perguntou-me se eu escrevia. Respondi que sim. Falei-lhe da revista "Orpheu", que havia pouco aparecera. Ele elogiou-a, elogiou-a bastante, e eu então pasmei deveras. Permiti-me observar-lhe que estranhava, porque a arte dos que escrevem em "Orpheu" sói ser para poucos. Ele disse-me que talvez fosse dos poucos. De resto, acrescentou, essa arte

Figura 3: Passagem de *O Livro do desassossego* (discurso indireto)

“O desassossego de Bernardo” é a única HQ não colorida da adaptação. Não por coincidência, também é a única parte do livro dedicada à prosa. Cabe, aqui, uma colocação da pesquisadora Silvia Joaquim sobre a complexidade da leitura de quadrinhos – mais ainda quando se trata de uma obra rica como “Fernando Pessoa e outros pessoas”:

Embora possa parecer, não é fácil ler quadrinhos, devido à complexidade de sua linguagem híbrida (palavra e imagem). Não basta ler o que está escrito; é preciso entender a colorização (mesmo se estiver em preto e branco), a disposição das vinhetas, o significado dos balões, as expressões no rosto e no gestual dos personagens, os recursos verbais e não verbais presentes. (JOAQUIM, 2013, p. 112)

Iuri Lotman, por sua vez, vai defender que “Uma estrutura modificada apresenta ao leitor ou ao espectador uma outra ideia. [...] Um texto artístico é um sentido construído com complexidade. Todos os seus elementos são elementos de sentido.” (LOTMAN, 1978, p. 41)

Ainda no que tange à ambição dos adaptadores, rejeitamos chamar de “ilustrações” a arte de Eloar Guazzelli que compõe o quadrinho, apesar de tal expressão constar na própria ficha catalográfica da obra, por entender que os desenhos não funcionam como uma evocação direta das imagens que o poema sugere numa leitura imediata, superficial; não, Guazzelli e Fazzolari são (re)criadores. É a fumaça que sai do cigarro do poeta que contém uma caligrafia incompreensível (Fig. 4); a primeira parte de *Cuatro baladas amarillas* (intertexto de Garcia Lorca, fazendo um *link* com Alberto

Caieiro), por sua vez, vem impressa na parede de um edifício, como um grafite (Fig. 5); nesta mesma parte da obra, que abre com os versos do poeta espanhol, vemos folhas e papel levadas pelo vento, a transformarem-se em caravelas, que, voando(!) alcançam o mar... à medida que lemos os versos de Caieiro. (Fig. 6)



Figura 4: Recorte de “A tabacaria fora de mim”. A fumaça que sai do cigarro do poeta lembra balões de texto.



Figura 5: Intertextualidade: o poema de Lorca, tal qual uma epígrafe, introduz “O pastor de almas” – HQ que compila trechos da obra de Alberto Caieiro.



Figura 6: Trecho de “O pastor de almas”

Pode-se concluir que o quadrinho cumpre a tarefa difícil de transpor em imagens as “*imagens*” refinadas que são próprias da boa poesia. Seria de pouco ou nenhum valor uma adaptação que se limitasse a meramente ilustrar o conteúdo dos poemas. Assim, Guazzelli e Davi Fazzolari conseguem engendrar um produto artístico efetivamente novo. Joane Leôncio de Sá afirma que “o autor da adaptação traz no novo texto uma visão e uma intenção particular, fator agregador ao processo criativo e artístico que nos permite perceber uma nova obra” (SÁ, 2013, p. 29). Os artistas-tradutores conseguem, assim, superar o poema, dando origem a um livro em quadrinhos que parte de uma obra “*original*”, mas se justifica enquanto produto com vida própria, a partir do momento em que acrescenta elementos novos aos textos fontes.

Lista de figuras

Figura 1: Página de *Fernando Pessoa e outros pessoas*. Fonte: GUAZZELLI, 2011, p. 3.

Figura 2: Idem, p. 36.

Figura 3: Excerto de *O Livro do desassossego*. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000008.pdf>. Acesso em 05/08/2016.

Figura 4: Página de *Fernando Pessoa e outros pessoas*. Fonte: GUAZZELLI, 2011, p. 57.

Figura 5: Idem, p. 69.

Referências

GUAZZELLI, **Fernando pessoa e outros pessoas.** / Guazzelli. Roteiro: Davi Fazzolari. São Paulo: Saraiva, 2011.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação.** Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. 2. Ed.

JOAQUIM, Silvia C. de Almeida. Literatura em HQ: um caminho para a formação de leitores. **9ª arte**, São Paulo, vol. 2, nº 1, p. 111-113, 1º semestre 2013.

LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico.** Lisboa: Estampa, 1978.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos.** São Paulo: Cultrix, 2006.

MONTAURY, Alexandre. Bernardo Soares e Álvaro de Campos: transeuntes de Lisboa. **Revista Semear**, Rio de Janeiro, nº 6, 2002. Disponível em http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/6Sem_25.html. Acesso em 04 Ago. 2016.

PIROTA, Patrícia. Palimpsestos machadianos: adaptações para os quadrinhos da obra O Alienista. In **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis.** RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (Org.). São Paulo: Criativo, 2014. P. 85-110.

SÁ, Joane Lêoncio de. **Sobre a adaptação dos clássicos literários para os quadrinhos: uma análise do “caso” Policarpo Quaresma.** 2013. 149p. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em <http://www.repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11475>. Acesso em 05 ago. 2016.